

8. Confronto de Imagens sobre os Professores

Como referimos ao apresentar os instrumentos de recolha de dados que utilizámos, repetimos algumas questões em diferentes questionários e no interior dos questionários tendo em vista analisar a convergência ou divergência de imagens sobre os professores.

Começaremos por confrontar as imagens dos professores sobre os seus pares com a auto-imagem que expressam para, depois, confrontarmos as imagens de alunos e professores sobre os professores em situações concretas.

8.1. Imagens e auto-imagens dos professores

Procurámos analisar as convergências / divergências das imagens que os professores tinham sobre os seus pares com as imagens de si mesmos ao nível das Práticas pedagógicas, da Comunicação estabelecida na sala de aula e do exercício da Autoridade, o que fizemos através das perguntas formuladas no primeiro questionário aos professores onde colocámos as mesmas questões referenciando-as às imagens que os respondentes têm dos seus pares e às que têm de si próprios.

Ainda que tenhamos começado por realizar uma análise comparativa questão a questão pareceu-nos mais útil recorrer à criação de indicadores agregados no interior de cada conceito ou dimensão do conceito.¹

Foi a partir dos indicadores agregados que procedemos ao cruzamento das respostas a que aplicámos o teste do χ^2 . Para uma leitura mais rigorosa considerámos os mesmos

¹ Sempre que existiam perguntas de sentido contrário no interior de cada categoria, elas foram invertidas no momento de criar o indicador agregado a que pertenciam como se explicitará sempre que ocorrer.

intervalos², tanto para as imagens que os nossos respondentes manifestaram dos seus pares como para as imagens de si próprios.

8.1.1. Práticas Pedagógicas

Como já referimos as práticas pedagógicas foram analisadas segundo três dimensões: ensinar, abrir caminhos de auto-aprendizagem e materiais pedagógicos utilizados.

Veremos, agora, o sentido das variações obtidas.

8.1.1.1. Ensinar

Entre as questões que integram esta dimensão existe uma cuja formulação é contrária ao bom ensinar: “marcam tarefas complicadas e muitas vezes ou não corrigem ou nas avaliações os alunos não chegam a saber o que fizeram bem ou mal”. As respostas a esta questão foram, assim, invertidas na construção do Indicador Agregado.

Como o quadro seguinte permite verificar os professores que têm mais elevada auto-imagem têm também melhor imagem da actuação dos seus pares; verifica-se, ainda, que os professores têm melhor imagem de si do que da generalidade dos professores.

Ensinar Auto-Imagem	Algumas vezes [12,16]	Muitas vezes [17, 20]	TOTAL
Ensinar Imagem dos pares			
Alguns professores [12,16]	37 97%	206 74%	243 77%
Muitos professores [17, 20]	1 ³ 03%	72 26%	73 23%
TOTAL	38 100%	278 100%	316 100%

Graus de liberdade =1

$\chi^2=8,92$

Probabilidade observada=0,00

² Quando isso se tornou inviável utilizámos os intervalos mais aproximados no sentido de estabelecer a melhor comparação possível.

³ Frequência esperada= 8,778481

8.1.1.2. Abrir caminhos de auto-aprendizagem

Como quadro seguinte permite verificar mantêm-se as tendências já anteriormente verificadas: quem tem melhor auto-imagem de si ao nível da abertura de caminhos de auto-aprendizagem tem, também, melhor opinião sobre os outros professores e, de novo, os professores revelam melhor imagem de si próprios do que dos seus pares

Abrir caminhos - Auto-imagem Abrir caminhos - Imagem dos pares	Poucas vezes [9,13]	Algumas vezes [14,15]	Frequentemente [16,20]	TOTAL
Poucos professores [8,13]	38 78%	70 55%	58 41%	166 52%
Alguns professores [14,15]	7 14%	49 38%	52 37%	108 34%
Muitos professores [16,18]	4 ⁴ 08%	9 07%	32 23%	45 14%
TOTAL	49 100%	128 100%	142 100%	319 100%

Graus de liberdade = 4

$\chi^2=29,24$

Probabilidade observada=0,00

8.1.1.3. Materiais utilizados

Como uma das questões admitia o uso exclusivo do manual para dar matérias novas invertamos as respostas admitindo assim que os professores usavam muito ou pouco / frequentemente ou poucas vezes materiais diversificados.

Como o quadro seguinte permite verificar são, de novo, os professores que assumem mais frequentemente usar materiais diversificados que, em maior percentagem, consideram que a maioria dos professores o faz; também aqui os professores consideram que utilizam mais a diversidade de matérias do que a maioria dos seus pares.⁵

⁴ Frequência esperada =6,9122257

⁵ - 59% contra 27%

Uso de materiais diversificados – Auto-imagem Uso de materiais diversificados – Imagem dos pares	Poucas vezes [4,5]	Algumas vezes [6,6]	Frequentemente [7,10]	TOTAL
Poucos professores [4,5]	26 55%	33 40%	58 31%	117 37%
Alguns professores [6,6]	13 28%	36 43%	66 35%	115 36%
Muitos professores [7,10]	8 17%	14 17%	63 34%	85 27%
TOTAL	47 100%	83 100%	187 100%	317 100%

Graus de liberdade = 4

$\chi^2=16,46$

Probabilidade observada=0,00

8.1.2. Comunicação estabelecida na sala de aula

Construímos os Indicadores Agregados das respostas dadas pelos professores quando se pronunciam sobre os seus pares e sobre si mesmos tendo invertido, em cada uma das situações, a questão que supunha imposição: “Para participar os alunos têm de pedir a palavra e só podem falar sobre os assuntos que foram explicados”.

Feito o cruzamento das variáveis obtivemos o seguinte quadro:

Comunicação Aberta - Auto Imagem Comunicação Aberta – Imagem dos pares	Poucas vezes [3,6]	Algumas vezes [7,7]	Frequentemente [8,10]	TOTAL
Poucos professores [4,6]	63 81%	47 56%	58 38%	168 53%
Alguns professores [7,7]	11 14%	28 33%	41 27%	80 25%
Muitos professores [8,9]	4 ⁶ 05%	9 11%	55 36%	68 22%
TOTAL	78 100%	84 100%	154 100%	316 100%

Graus de liberdade = 4

$\chi^2= 53,09$

Probabilidade observada=0,00

Como o quadro anterior permite verificar são os professores que mais assumem ser pouco frequente uma comunicação aberta nas suas aulas aqueles que mais fortemente

⁶ Frequência esperada = 16,78481

assumem que poucos professores abrem as suas aulas a esse tipo de comunicação; também uma vez mais os professores assumem ter uma atitude de maior abertura do que os seus pares.

8.1.3. Exercício da autoridade

Como já referimos colocámos a questão da autoridade exercida na sala de aula em termos de imposição ou partilha. Entendemos proceder ao confronto das imagens com a auto-imagem a partir da lógica da partilha de decisões pelo que invertemos as respostas à questão: “Os trabalhos de grupo são organizados para responder, apenas, a conjuntos de perguntas fornecidas”.

Feito o cruzamento das variáveis mantém-se a tendência registada anteriormente, ou seja: são os professores que mais assumem ser pouco frequente abrir as decisões à partilha com os alunos os que mais fortemente consideram que poucos professores o fazem e, de novo, assumem ter uma atitude de maior abertura do que a generalidade dos professores.

Partilha de decisões - Auto Imagem	Poucas vezes [4,6]	Algumas vezes [7,7]	Frequentemente [8,10]	TOTAL
Partilha de decisões – Imagem dos pares				
Poucos professores [3,6]	84 86%	43 57%	54 43%	181 60%
Alguns professores [7,7]	12 12%	22 29%	41 32%	75 25%
Muitos professores [8,10]	2 ⁷ 02%	10 13%	32 25%	44 15%
TOTAL	98 100%	75 100%	127 100%	300 100%

Graus de liberdade = 4

$\chi^2 = 47,24$

Probabilidade observada=0,00

Do que ficou dito parece poder inferir-se que os professores têm melhor imagem de si próprios de que dos seus pares mas que a imagem positiva dos pares é maior quando a opinião sobre si próprios é melhor.

⁷ Frequência esperada=14,373333

8.2. Confronto de imagens de alunos e professores

Faremos o confronto de imagens de alunos e professores a partir dos seguintes aspectos: práticas pedagógicas, comunicação estabelecida, autoridade exercida, relação com os alunos na sala de aula e em actividades não lectivas e imagens do que é ser bom professor.

Para realizar este confronto fizemos o cruzamento das respostas a que aplicámos o teste do χ^2 . Em alguns dos casos, recorreremos previamente à construção de Indicadores Agregados.

Exceptua-se nesta análise quantitativa a perspectiva global sobre o que é ser bom professor, já que, a esse nível, toda a nossa análise foi de natureza qualitativa e, como tal será também numa perspectiva qualitativa que procederemos a esse confronto de imagens.

8.2.1. Práticas pedagógicas

Como já anteriormente referimos, considerámos as práticas pedagógicas a três níveis: ensinar, abrir caminhos de auto-aprendizagem e materiais pedagógicos utilizados.

Construídos os Indicadores Agregados a partir das respostas obtidas, de modo idêntico ao que utilizámos para a comparação de opiniões entre professores e alunos e, efectuados os cruzamentos das respostas segundo o estatuto face à escola, pudemos concluir que a opinião dos professores sobre os seus pares é sempre mais favorável do que a dos alunos, como os quadros seguintes permitem verificar

Estatuto face à escola	Professores	Alunos	TOTAL
Ensinar			
Poucos ou nenhuns / Raramente [4,10]	0 ^s 00%	106 04%	106 03%
Alguns / Algumas vezes [11,13]	38 12%	670 22%	708 21%
A maioria ou todos / Frequentemente [14, 20]	282 88%	2236 74%	2518 76%
TOTAL	320 100%	3012 100%	3332 100%

Graus de liberdade = 2

$\chi^2 = 33,28$

Probabilidade observada=0,00

Estatuto face à escola	Professores	Alunos	TOTAL
Abrir caminhos de Auto-Aprendizagem			
Poucos ou nenhuns / Raramente [4,10]	17 05%	793 26%	810 24%
Alguns / Algumas vezes [11,13]	152 47%	1330 44%	1482 45%
A maioria ou todos / Frequentemente [14, 20]	154 48%	875 29%	1029 31%
TOTAL	323 100%	2998 100%	3321 100%

Graus de liberdade = 2

$\chi^2 = 86,32$

Probabilidade observada=0,00

Estatuto face à escola	Professores	Alunos	TOTAL
Uso de materiais pedagógicos diversificados			
Poucos ou nenhuns [2,5]	119 37%	1603 53%	1722 51%
Alguns [6, 6]	116 36%	873 29%	989 29%
A maioria ou todos [7, 10]	85 27%	572 19%	657 20%
TOTAL	320 100%	3048 100%	3368 100%

Graus de liberdade = 2

$\chi^2 = 28,17$

Probabilidade observada=0,00

⁸ Frequência esperada = 10,18

8.2.2. Comunicação estabelecida

Os aspectos comparados reportaram-se à comunicação na sala de aula e à que se estabelece entre professores e alunos em situações de sucesso, ou seja, quando estes dão respostas acertadas ou têm boas notas.

8.2.2.1. . Comunicação na sala de aula

Tal como em todas as situações já analisadas, os professores têm uma opinião mais favorável sobre a existência de uma comunicação aberta nas aulas do que os alunos, como pode ver-se no quadro seguinte:

Estatuto face à escola	Professores	Alunos	TOTAL
Comunicação aberta na sala de aula			
Poucos ou nenhuns [2,5]	60 18%	1228 40%	1288 38%
Alguns [6, 6]	111 34%	930 30%	1041 31%
A maioria ou todos [7, 10]	154 47%	893 29%	1047 31%
TOTAL	325 100%	3051 100%	3376 100%

Graus de liberdade = 2

$\chi^2 = 68,91$

Probabilidade observada=0,00

Note-se que as posições, neste caso estão bastante extremadas: enquanto a maioria, ainda que relativa, dos professores considera que a maioria ou todos os professores assume uma posição de comunicação aberta, a maioria, também relativa, dos alunos considera que poucos ou nenhuns professores promovem essa abertura.

8.2.2.2. Tipos de comunicação com os alunos em situação de sucesso

Os professores assumem de modo esmagador que usam um relação de confirmação na comunicação que estabelecem com os alunos quando estes têm sucesso enquanto que, apenas, 45% dos alunos manifestam essa mesma percepção. Verifica-se, ainda, que é significativa a percentagem de alunos que se dizem desconfirmados ou rejeitados situações que são assumidas por percentagens muito baixas de professores.

O quadro seguinte permite analisar com mais detalhe o sentido das variações encontradas:

Estatuto face à escola	Professores	Alunos	TOTAL
Comunicação em situação de sucesso			
Confirmação	632 93%	1343 45%	1975 54%
Desconfirmação	26 04%	998 33%	1024 28%
Rejeição	18 03%	664 22%	682 19%
TOTAL	676 100%	3005 100%	3681 100%

Graus de liberdade = 2

$\chi^2 = 528,49$

Probabilidade observada=0,00

8.2.3. Autoridade exercida

Não se registaram variações significativas de opinião entre os professores e os alunos relativamente à autoridade exercida na sala de aula (probabilidade observada=0,22). Já em situações de indisciplina as opiniões divergem bastante.

Vejamos o sentido das variações que o quadro seguinte nos permite identificar:

Estatuto face à escola Tipo de autoridade em situações de indisciplina	Professores	Alunos	TOTAL
Permissiva	53 08%	355 12%	408 11%
Autoritária	91 14%	631 21%	722 20%
Responsabilizante	529 79%	1989 67%	2518 69%
TOTAL	673 100%	2975 100%	3648 100%

Graus de liberdade = 2

$\chi^2 = 35,44$

Probabilidade observada=0,00

A maioria de alunos e professores afirma que os professores assumem uma atitude responsabilizante mas os professores manifestam mais expressivamente essa opinião do que os alunos que, embora em baixas percentagens, admitem mais do que os professores que aqueles tomam atitudes autoritárias ou permissivas.

8.2.4. Relação com os alunos na sala de aula

Como anteriormente referimos confrontámos professores e alunos com o tipo de relações que se estabeleciam na sala de aula, com três hipóteses de respostas que configuravam uma relação pessoal próxima (preocupação em compreender os problemas dos alunos), uma relação profissional (preocupação com os resultados escolares dos alunos) ou uma relação distante (não se preocuparem com os alunos).

Cruzadas as respostas de professores e alunos pudemos verificar que uns e outros assumem maioritariamente a existência de uma relação profissional mas enquanto apenas 1% dos professores admite a existência de uma maioria dos professores que não se preocupam com os alunos estes têm uma opinião bem menos favorável.

O quadro seguinte permite verificar, em mais detalhe o sentido das variações encontradas.

Relação na sala de aula	Estatuto face à escola	Professores	Alunos	TOTAL
Pessoal		232 35%	1058 36%	1290 36%
Profissional		419 63%	1513 52%	1932 54%
Distante		9 01%	354 12%	363 10%
	TOTAL	660 100%	2925 100%	3585 100%

Graus de liberdade = 2

$\chi^2 = 75,30$

Probabilidade observada=0,00

8.2.5. Relação com os alunos em actividades não lectivas

Como já referimos admitimos a existência de relações próximas e de relações distantes em diversos contextos não lectivos.

Veremos, agora, através do cruzamento dos indicadores agregados que construímos pelo estatuto face à escola os resultados obtidos.

Como o quadro seguinte permite verificar, nos contextos que escolhemos (festas e passeios), a maioria de alunos e professores assumem que existe uma relação próxima ainda que, de novo, a opinião dos professores seja mais forte do que a dos alunos.

Relação próxima	Estatuto face à escola	Professores	Alunos	TOTAL
Raramente		10 03%	229 07%	239 07%
Algumas vezes		81 25%	979 32%	1060 31%
Frequentemente		230 72%	1850 60%	2080 62%
	TOTAL	321 100%	3058 100%	3379 100%

Graus de liberdade = 2

$\chi^2 = 17,98$

Probabilidade observada=0,00

Quando colocámos hipóteses que pressupõem uma relação distante, alunos e professores maioritariamente consideram que isso ocorre algumas vezes, sendo os alunos,

neste caso, quem mais assume ser rara a ocorrência de relações distantes, como pode ver-se no quadro seguinte:

Estatuto face à escola	Professores	Alunos	TOTAL
Relação distante			
Raramente	60 19%	782 26%	842 25%
Algumas vezes	213 68%	1839 60%	2052 61%
Frequentemente	42 13%	419 14%	461 14%
TOTAL	315 100%	3040 100%	3355 100%

Graus de liberdade = 2

$\chi^2 = 7,48$

Probabilidade observada=0,02

8.2.6. Ser bom professor

Como já referimos, englobámos aqui as opiniões sobre as qualidades mais apreciadas pelos alunos nos professores, os comportamentos que os alunos mais assinalam nos professores de que não gostam e a perspectiva global que têm sobre o que é ser bom professor.

8.2.6.1. As qualidades mais apreciadas nos professores

Como o quadro seguinte permite verificar, alunos e professores têm opiniões diversas sobre o que pensam os alunos; com efeito, enquanto uma larga maioria dos professores considera que os aspectos mais notórios dos professores de que os alunos gostam são os que se reportam ao exercício profissional os alunos maioritariamente apontam para aspectos das relações pessoais.

Estatuto face à escola Aspectos mais apreciados pelos alunos	Professores	Alunos	TOTAL
Aspectos relacionais pessoais	142 28%	1595 56%	1737 51%
Aspectos do exercício profissional	362 72%	1278 44%	1640 49%
TOTAL	504 100%	2873 100%	3377 100%

Graus de liberdade = 1

$\chi^2 = 127,24$

Probabilidade observada=0,00

8.2.6.2. As características dos professores menos apreciadas.(11 / soma)

No que se reporta aos aspectos caracterizadores dos professores de que os alunos menos gostam, de novo, as opiniões de alunos e professores divergem: enquanto a maioria dos professores aponta para aspectos relacionais, os alunos indicam aspectos do exercício profissional.

Estatuto face à escola Aspectos menos apreciados pelos alunos	Professores	Alunos	TOTAL
Aspectos relacionais pessoais	285 58%	994 36%	1279 39%
Aspectos do exercício profissional	210 42%	1749 64%	1959 61%
TOTAL	495 100%	2743 100%	3238 100%

Graus de liberdade = 1

$\chi^2 = 79,00$

Probabilidade observada=0,00

Parece, assim, poder inferir-se que existe uma grande diferença entre o que os alunos sentem e apreciam e aquilo que os professores consideram que os alunos gostariam de ver nos seus professores.

8.2.7. Ser bom professor: uma perspectiva global

Após a apresentação da análise que realizámos das respostas de professores e alunos sobre o que entendem ser a imagem de um bom professor uma primeira hipótese decorrente das respostas às questões abertas nos surgiu: professores e alunos convergem na delineação dessa mesma imagem de um bom professor.

Esta hipótese não se confirmou quando tivemos em conta as respostas que professores e alunos nos deram sobre quais as características positivas que mais relevavam na imagem do Bom Professor.

Se apenas tivéssemos feito a análise da pergunta aberta poderíamos fazer uma leitura de que, para ambos, os docentes são seres de relação e não é possível dizer que são bons professores se forem tidos em conta apenas os aspectos afectivos ou os aspectos profissionais. Para ambos o professor é a pessoa e a pessoa é o professor, para ambos o bom professor é mais do que amontoados de conhecimentos, competências e técnicas o que está de acordo com o que Nias e Fullan, e Hargreaves nos disseram quando falamos sobre a docência como trabalho.

Mas para que a análise traduzisse melhor a realidade, procuramos confirmar ou infirmar esta hipótese através dos resultados quantitativos obtidos a partir da questão 10 dos questionários dos alunos e dos professores⁹.

Pela observação dos resultados obtidos concluímos que embora professores e alunos tenham uma imagem positiva do Bom professor há diferenças significativas de entendimento entre uns e outros e que se expressam não apenas nas frequências das respostas dadas ma também no facto de existir uma homogeneidade de pensamento nos professores e a expressão de um número significativo de opiniões diversas nos alunos. Diferenças que são tão marcantes quanto o facto de os professores apontarem, de forma muito significativa, como característica mais relevante para a imagem do Bom professor os aspectos do exercício profissional (72%) enquanto que os alunos apontam os aspectos relacionais pessoais (56%), aspecto a que os professores deram pouca relevância (28%). Talvez que um dos factores que nos permitam compreender esta diferença marcante seja o que releva, por parte dos professores da expressão de uma preocupação com o desenvolvimento pleno e harmoniosos da personalidade dos seus

⁹ Sabemos que a realidade nunca é apreendida cabalmente e temos consciência de que em qualquer investigação é preciso reconhecer que o eu do investigador está presente, contudo procuramos minimizar a subjectividade que, naturalmente, está mais exposta através de análises qualitativas.

alunos, com a formação de cidadãos livres responsáveis e autónomos que perpassa todas as suas respostas e os três aspectos que analisámos. Cremos que esta preocupação tão insistentemente expressa tem fundamento por um lado no que está expresso nos artigos 3º, alíneas b), c), d), e) e f) – princípios organizativos -, 7º, alíneas a), b), h), i) l) e o) – Objectivos do ensino básico – e 9º alíneas a), c) e g) – Objectivos do ensino secundário - da Lei de Bases dos Sistema Educativo e que expressam claramente a ideia de que os sistema educativo e a educação têm como grande finalidade a formação de cidadãos de pleno direito capazes de individualmente e em grupo serem capazes de contribuir para o crescimento, desenvolvimento de uma sociedade que espera que eles sejam justos, tolerantes, tenham espírito crítico, sejam criativos, responsáveis, autónomos e livres e por outro, em todos os documentos legais que ao longo dos mais de 30 anos de democracia foram sendo produzidos – sejam eles documentos internos ou não – e que foram veiculando estas mesmas ideias e valores. Ora tendo os professores recebido o mandato da sociedade para educarem os jovens estes princípios são para eles os guias do contrato que aceitaram assinar com a sociedade.

Os alunos não explicitam esta preocupação de uma forma tão visível, embora os valores do crescimento, do desenvolvimento harmonioso e pleno, da construção do futuro cidadão interveniente, do desenvolvimento de capacidades de pesquisa, de sede de saber possam ser lidos na suas respostas.

Vejamos então o que professores e alunos nos dizem acerca dos diferentes aspectos que constróem a imagem do Bom Professor começando pelos **aspectos afectivos** .

Embora tenha havido um apontar diferente da importância dos aspectos afectivos para a construção da imagem do Bom professor por parte de alunos e professores como já afirmámos, existem factores que são apontados por ambos como constitutivos dessa imagem. Assim quer para professores quer para alunos o bom professor é aquele que é um amigo, que está disponível para ouvir, que trata os alunos como pessoas que são e que é capaz de

estabelecer relações pessoais e pedagógicas fortes duradouras com os alunos. Relações pessoais e pedagógicas que são mais propiciadas nas actividades que se desenvolvem fora da sala de aula quer em passeios quer em festas e mais apontadas pelos professores (72%) do que pelos alunos (60%) Tendo em conta que os professores apontam maioritariamente os aspectos do exercício profissional expressam a ideia de que a imagem do bom professor para além de tudo isto é a imagem de alguém que se preocupa com a construção do cidadão do futuro pelo que acompanha com atenção o desenvolvimento afectivo e cognitivo do aluno ao longo do tempo uma vez que este desenvolvimento pode afectar o sucesso escolar e até educativo.

Alunos e professores entendem também que um bom professor é aquele que através do elogio do incentivo pessoal faz surgir a vontade de aprender, de aprender não apenas o que está definido nos programas das diferentes disciplinas e matérias – professores (88%) e alunos (74%) apontam significativamente a dimensão ensinar como um dos aspectos importantes - mas de aprender pesquisando, de aprender procurando soluções para os problemas que surgem, de aprender a caminhar sozinho na busca do conhecimento, do saber – os professores (93%) dão maior importância a este aspecto que os alunos (45%). Um bom professor é por sua vez compreensivo, preocupado com os alunos tanto a nível pessoal como a nível profissional – preocupa-se com o sucesso escolar e com o sucesso educativo dos alunos – pelo que tem a capacidade de se colocar no lugar do aluno e de compreender os seus problemas e dificuldades. Tal facto não significa no entanto que o bom professor não imponha respeito. Pelo contrário o bom professor é aquele que é capaz de compreender e tolerar as falhas dos alunos, de impor a regra, de a respeitar e de a fazer respeitar. É o que utiliza uma autoridade responsabilizante¹⁰ num clima agradável, de confiança mútua dizendo o que tem a dizer sem ferir susceptibilidades, sem desrespeitar o outro e a si mesmo.

¹⁰ De novo professores e alunos apontam maioritariamente a autoridade responsabilizante como aquela que é utilizada pelos professores na sala de aula e que contribui para a construção da imagem do Bom professor. De novo, também, a opinião dos professores é mais favorável (79%) do que a dos alunos (66%).

Embora os professores tenham uma ideia mais positiva da utilização da autoridade responsabilizante do que os alunos o quadro que segue ilustra ainda que de forma breve o que ambos apontam em relação a cada uma das facetas que constituem os aspectos afectivos de um bom professor e que ilustram algumas das diferenças de opinião que fomos apontando, uma vez que é possível perceber a preocupação dos professores com os aspectos do exercício profissional subjacentes aos aspectos relacionais.

Aspectos afectivos		
Facetas	Professores	Alunos
Amigo /Relação Próxima	Amigo sempre ao dispor” (40anos, 2º ciclo)	Amigo sempre disponível para “nos ajudar quando precisamos” (18 anos, 10º ano)
	“sabe construir e manter uma boa relação pedagógica” (36 anos, 2º ciclo) que se “mantém quer se verifique dentro ou fora da sala de aula” (35 anos, 2º ciclo).	aquele que passados alguns anos ainda se lembra de nós e continua a ser carinhoso (17 anos, 11º ano)
	dar-se, aprender com eles, fazê-los crescer em toda a plenitude (50 anos 2ª ciclo)	ensina quando nós vamos para a escola primária sem sabermos ler, sem sabermos escrever e sem sabermos nada, eles (os professores) é que são os nossos verdadeiros amigos (11 anos, 5º ano)
Encorajador	capaz de ajudar os alunos a aprender porque desenvolve, cria nos alunos a vontade e a necessidade de aprenderem (40 anos, 3º ciclo)	deve dar a ‘fome’, a fome de saber leva os alunos a procurar pelos seus próprios meios as matérias que têm de aprender... (19 anos, 11º ano)
	bom ‘companheiro’ no ‘doloroso’ percurso das aprendizagens de um aluno” (39 anos, 3º ciclo)	quando entra na sala de aula nos transmite bastante segurança e vontade de aprender e que tem bastante vontade de ensinar (18 anos, 11º ano),
Ajuda Pessoal /compreensão	compreende e conhece bem os alunos para poder corresponder melhor às suas necessidades curriculares e afectivas (29anos, 2º ciclo)	se preocupa com os nossos problemas (10 anos, 5ºano)
	Compreende certas “atitudes/comportamentos que por vezes podem ser incompreensíveis” (47anos 3º ciclo) ou mesmo desviantes (35anos 3º ciclo)	que se preocupa por ver o que se passa connosco de forma a ajudar-nos a passar determinados problemas (17 anos, 11º ano)
Respeitador	mantém uma relação de respeito com todos (35 anos, 2º ciclo), até porque “consegue manter a ordem sem os [aos alunos] os rebaixar” (42anos, e 2º ciclo)	respeita e gosta de ser respeitado, impondo regras” (18 anos, 11º ano) e consegue manter o respeito “entre o aluno e o professor sem ferir ambas as partes” (19 anos, 11º ano).
	respeita as normas internas e externas sem nunca perder de vista as necessidades dos alunos (38anos, 2º ciclo)	impõe respeito dentro da sala de aula e preocupa-se com cada um dos seus alunos individualmente” (16 anos, 11º ano)

Os **aspectos profissionais** mais apontados pelos professores como aqueles que mais contribuem para a construção do Bom professor permitem que nos demos conta da forma como os professores acentuam os aspectos que sublinham quer o poder do especialista – o conhecimento, o saber -, quer os compromissos que assumiram para com a sociedade.

Apesar desta diferença, as opiniões que quer alunos quer os docentes têm do bom professor é a imagem de que ele é o que ajuda nas dificuldades de compreensão da matéria, está atento aos diferentes ritmos de aprendizagem e aberto a dar as explicações necessárias pois uma das suas preocupações é a do sucesso escolar dos alunos - professores (63%) e alunos (52%) apontam maioritariamente a existência de uma relação profissional na sala de aula que se traduz na preocupação com os resultados escolares dos alunos -, como também podemos ver pelo quadro resumo que apresentamos de seguida.

Aspectos profissionais		
Facetas	Professores	Alunos
Ajuda escolar	ajuda a perceberem a matéria (27 anos, 2º ciclo), esclarece bem as dúvidas (45anos, 3º ciclo)	tira todas as dúvidas ajudando os alunos sem dar mostra ou sem pensar que é superior aos alunos (17 anos, 11º ano)
	ensina as matérias de forma compreensível e adequada às idades dos alunos (33 anos, 3º ciclo)	explica a matéria devagar como se fosse a uma criança e que não mostra indiferença quando o aluno faz ou tem uma dúvida (20 anos, 12º ano)
	preocupa com o sucesso dos alunos (29 anos, 2º ciclo)	preocupa com os alunos quando eles baixam a nota pergunta porquê e tenta compreender e dá-nos um voto de confiança (19 anos , 11º ano).

Para os nossos respondentes, sejam eles alunos ou professores, a imagem de um bom professor está inconfundivelmente associada ao saber, ao conhecimento.

Assim, e como já afirmámos aquando da análise das respostas dos alunos, para estes um bom professor detém um conjunto de conhecimentos que quase nos permite perspectivá-lo como um génio capaz de abarcar se não todo, pelo menos quase todo o conhecimento disponível. O professor sabe tudo e portanto não tem medo de falar de qualquer assunto, é

capaz de relacionar a matéria com a vida, explica e ensina bem a matéria que lecciona, usa um bom método e é paciente com aqueles que procuram com ele aprender sendo ele próprio um aprendente. Podemos dizer que professores e alunos partilham esta imagem com a exceção da ideia de que o professor é o génio que tudo sabe, tudo conhece. Aí os professores são, digamos mais realistas e ficam-se pela proficiência na matéria que leccionam – em termos científicos – e pela maestria nos conhecimentos pedagógicos e didáticos. Para ambos o bom professor tem uma função que pode ser a de transmissor ou a de facilitador da aprendizagem propiciando assim aos alunos quer a aquisição dos conhecimentos que necessitam quer o desenvolvimento das competências e capacidades necessárias para que os adquiram.

Este é mais um ponto em que podemos encontrar alguma discrepância, entre a opinião dos alunos e a dos professores sobre a imagem do bom professor. Talvez neste ponto sejam os alunos que têm uma opinião mais favorável e dizemos talvez pois não possuímos dados quantitativos que nos permitam fazer a triangulação destas opiniões. Se para os alunos o bom professor é o detentor destes aspectos para os professores tal não é suficiente. Assim a imagem do bom professor para os professores que inquirimos só ficará mais nítida se for tida em conta a necessidade de formação acrescida. Não basta ter adquirido um determinado saber que lhe proporcionou a capacidade de exercer uma profissão. Para os docentes que inquirimos o bom professor está envolvido numa busca constante de formação de actualização, tem especial cuidado com as práticas que procura diversificar o mais possível sendo mesmo capaz de, com um conjunto diminuto de recursos, produzir aulas de qualidade que têm interesse para os seus alunos.

Da parte dos professores, há, então, uma visão mais preocupada com os aspectos profissionais – o que de novo confirma os resultados obtidos anteriormente - da imagem do bom professor. Imagem esta que como já anteriormente afirmámos tem provavelmente a ver

com o facto de esta ser a faceta que mais directamente se relaciona com o que verdadeiramente define um profissional e o seu poder específico – o do conhecimento.

Mas o conhecimento, o saber só por si não chega para termos a imagem completa do que é ser bom professor e no que respeita ao gostar de ensinar professores e alunos convergem nas suas opiniões. Não é possível ser um bom professor se não se gostar do que se faz. Se não se tiver prazer em interagir com os alunos, em partilhar experiências e conhecimentos. Se tal acontece então o bom professor é ainda capaz de estimular e cativar os alunos para a matéria que lecciona, para estar com gosto na sala de aula, para as tarefas a desempenhar. E o bom professor é aquele cuja imagem passa por isso por ser alguém que de acordo com alunos e professores utiliza estratégias novas, diversificadas, cria um bom clima de trabalho permitindo que ambos – alunos e professores – aprendam em conjunto. Enfim a imagem de um bom professor passa ainda pela capacidade de fascinar os alunos, de ter em conta os seus interesses e re-aproveitá-los, re-trabalhá-los e transformá-los em algo de novo que é fascinante, atraente que desperta o interesse e o prazer.

Quase que poderíamos afirmar que professores e alunos tinham com os aspectos afectivos e os aspectos profissionais construído uma imagem muito positiva, embora com cambiantes, do que é ser um bom profissional mas para ambos foi ainda importante juntar um pouco de cor e nitidez à fotografia a sépia que tinham construído do bom professor e assim foi importante referir a noção de justiça, de tolerância e de autoridade.

Um professor é justo quando avalia, e avalia o seu trabalho, o trabalho dos alunos e o trabalho que ambos desenvolvem. É tolerante porque é equitativo e não distingue os alunos em termos de raça, credo ou religião ou em termos dos resultados escolares. Respeita, é respeitado e faz respeitar as regras existentes, é cumpridor e rigoroso compreende e aceita os alunos tal e qual eles são com as suas fraquezas e virtudes, sabe gerir o tempo do prazer e do trabalho.

Tendo consciência de que a imagem que professores e alunos construíram do que é ser bom professor possui discrepâncias diremos que uma é uma imagem mais nítida e pormenorizada do que a outra.

Os alunos tocam os pontos essenciais fazendo um retrato mais detalhado nos aspectos afectivos, do que é ser um bom professor enquanto que os professores, tal como o pintor da escola flamenga Vermeer, preocupam-se não apenas com a nitidez dos traços que permitem a identificação da figura mas com os diferentes cambiantes da cor e com todos os pormenores dos aspectos do exercício da profissão que nos levam a distinguir os detalhes que a luz realça ou obscurece e que identificam a personagem profissional professor.

Por último resta-nos dizer que quer alunos quer professores entendem que um bom professor é um ser que se constrói na interacção com os outros, relevando os professores os aspectos do exercício da profissão e tendo uma ideia mais positiva ou mais estereotipada do que é ser Bom professor enquanto que os alunos, embora demonstrando ter uma imagem positiva do Bom professor têm dele uma imagem mais ligada aos aspectos afectivos e menos favorável.

9. Conclusão

A nossa investigação foi norteada pelo objectivo de compreender que imagens tinham alunos e docentes dos professores portugueses dos 2º e 3º ciclos do ensino básico e do ensino secundário. Importava-nos, ainda, fazer o confronto dessas imagens e verificar se elas correspondiam ou não a imagens que os professores tinham de si próprios.

Sabendo que qualquer método que utilizássemos nunca nos permitiria generalizações seguras, pretendemos, mesmo assim, fazer um estudo extensivo que nos permitisse recolher

um grande número de respostas. Por isso optámos por utilizar o questionário como instrumento de recolha de dados.

Como oportunamente se referiu, os nossos inquéritos recolhem opiniões de 3090 alunos e de 680 professores mas não se baseiam em amostras representativas ¹¹, pelo que não é demais repetir que não existe qualquer pretensão de generalização dos dados obtidos.

Pretendemos, sim, captar a realidade do modo mais rigoroso possível e a utilização da estatística inferencial, por recurso ao teste do χ^2 , permitiu-nos encontrar relações significativas com probabilidades de erro inferiores a 0,001 na larga maioria das situações.

Focámos o nosso estudo sobre as práticas pedagógicas dos docentes, o tipo de comunicação que os professores estabeleciam com os alunos e uns com os outros, o modo de exercício da autoridade docente, o tipo de relações entre professores e alunos em diferentes contextos, a cultura profissional subjacente aos comportamentos dos professores e o que era, para alunos e professores, um bom professor, tanto ao nível das qualidades mais apreciadas como das características que os alunos mais rejeitam e da ideia global que têm do bom professor.

Sintetizaremos os resultados obtidos segundo os diferentes aspectos considerados.

No que se reporta às **práticas pedagógicas** podemos afirmar que os nossos respondentes reconhecem com maior frequência, na acção dos professores, a preocupação de ensinar bem do que a de abrir novos caminhos de aprendizagem e que usam muito mais materiais pedagógicos tradicionais (o manual como único material para dar os assuntos novos) do que recorrem a materiais diversificados.

Estas opiniões, mesmo quando vão no mesmo sentido, variam sempre entre alunos e professores, sendo a opinião dos professores mais favorável do que a dos alunos. Também no

¹¹ Como refere Teixeira (1993, p. 17) a construção de amostras representativas “quando se pretende estudar uma população extensa, em número e, sobretudo, em dispersão geográfica, tem custos muito elevados que frequentemente não estão ao alcance de quem os pretende realizar”, o que é manifestamente o nosso caso.

confronto das imagens dos professores sobre os pares com as imagens que detêm de si mesmos pudemos verificar que os professores têm sempre melhor imagem de si próprios do que dos professores em geral.

Nas opiniões manifestadas pelos alunos as opiniões mais favoráveis pertencem aos mais novos e aos que frequentam o 2º ciclo.

Nas opiniões dos professores sobre os seus pares aprecia-se uma grande homogeneidade, apenas se registando duas variações significativas: uma com o género, em que as professoras assumem mais do que os professores que os docentes nunca marcam tarefas complicadas de que não dêem feedback aos alunos, o que corresponderia a uma atitude negativa no âmbito da dimensão ensinar, e outra com o ciclo de ensino, em que os professores do 2º ciclo assumem uma posição mais activa do que os restantes relativamente a levar os alunos a fazer pesquisas, o que se insere na lógica da abertura de caminhos de auto-aprendizagem.

Nas opiniões que os professores formulam sobre as suas próprias práticas continua a prevalecer a homogeneidade de respostas encontrando-se, agora, mais uma variação significativa: regista-se o mesmo tipo de variação com o género no que se reporta à marcação de tarefas complicadas, uma variação com o ciclo, também no mesmo sentido e no mesmo quadro de abertura de caminho de auto-aprendizagem¹², e verifica-se uma variação com a idade, em que os mais novos são quem mais assume que raramente ou nunca se limitam à utilização exclusiva dos manuais para dar assuntos novos.

Relativamente à **comunicação estabelecida** distinguimos a relação entre alunos e professores e a relação existente entre professores.

¹² Ainda que a partir de uma outra pergunta do mesmo conjunto.

Quanto à relação entre professores e alunos foram analisadas duas vertentes: uma reportava-se à relação que existe por detrás da comunicação em situação de sucesso escolar em que, socorrendo-nos de uma tipologia da Escola de Palo Alto, procuramos saber se essa comunicação se estabelecia em termos de confirmação, desconfirmação ou rejeição; a outra vertente apreciava a comunicação permitida pelos professores na sala de aula em termos de rigidez ou abertura.

Professores e alunos assumem maioritariamente que a comunicação se faz em termos de confirmação (elogiam, assumindo que sempre souberam que o aluno era capaz) mas registam-se variações muito significativas na dimensão dessa maioria que é quase esmagadora na perspectiva dos professores e não ultrapassa os 45% das respostas dos alunos. De facto, os alunos assumem em percentagem não despreciable sentir desconfirmação (“não fazem qualquer referência”) ou rejeição (acham que os não fazem mais do que a sua obrigação), o que é extremamente raro nas respostas dos professores.

Entre os alunos são os mais novos e os do 2º ciclo quem mais assume sentir-se confirmados. Rapazes e raparigas afirmam na mesma percentagem sentimentos de confirmação sendo que, em termos relativos, os rapazes assumem mais a rejeição e as raparigas a desconfirmação.

Também entre os professores se registam variações de opinião mas, apenas, segundo o género dos respondentes: as professoras consideram existir maior confirmação do que os professores.

Relativamente à comunicação estabelecida na sala de aula as opiniões de alunos e professores são muito diferentes: enquanto a maioria dos alunos analisa essa relação mais em termos de uma relação rígida, apenas 28% dos professores admitem que tal aconteça. Quanto ao incentivo dado pelos professores à participação dos alunos na aula através da emissão de

opiniões e à discussão entre colegas a maioria absoluta dos professores diz que ela é frequente enquanto que, entre os alunos essa maioria é, apenas, relativa.

Quando se faz a agregação das respostas às duas questões suscitadas fica muito patente que entre os alunos prevalece a opinião de que poucos ou nenhuns professores propiciam uma relação aberta na sala de aula enquanto que a maioria dos docentes considera que todos ou, pelo menos a maioria dos professores cria uma comunicação aberta na sala de aula.¹³

Entre os alunos a opinião de maior frequência nos dois casos, pertence sempre aos mais novos e aos alunos do 2º ciclo – ou seja eles são, por um lado, os que assumem maior rigidez de disciplina no uso da palavra mas são, também, os que mais assumem que os professores os deixam emitir opinião e discutir com os colegas pontos novos, o que pode compreender-se já que é normal que a transição da lógica do 1º ciclo, particularmente evidente na faixa etária dos 10-12 anos, obrigue a uma maior disciplina que não é, necessariamente, contraditória com a abertura ao diálogo. No caso da participação as opiniões mais desfavoráveis pertencem aos alunos das faixas etárias intermédias

Entre os professores não se registou qualquer variação significativa relativamente à abertura existente nas aulas para que os alunos debatam ideias; quanto à rigidez/disciplina imposta na comunicação a opinião de que ela ocorre cresce com a idade dos respondentes, o que de algum modo esperávamos dada a evolução que a escola tem vivido e que é mais assimilável, possivelmente, pelos professores mais novos.

Quanto à imagem que os professores dizem ter da sua própria actuação na sala de aula prevalece uma grande abertura e pouca formalidade. As opiniões não sofrem qualquer variação significativa com nenhuma das variáveis do perfil dos respondentes e são muito superiores à opinião que manifestam sobre os seus pares.

¹³ Probabilidade de erro observada superior a um num milhão

Relativamente à comunicação estabelecida entre professores, questão que foi, apenas, colocada aos docentes, verificámos que uma larguíssima maioria dos respondentes afirma que, no quadro das reuniões de grupo, a relação se estabelece em termos de confirmação, verificando-se que essa opinião, sempre muito elevada, cresce com a idade dos respondentes.

Abordámos o **tipo de autoridade exercida** pelos professores através de perguntas semelhantes colocadas a alunos e professores.

Uma das questões reportava-se aos tipos de autoridade / liderança propostos por K. Lewin e colocava o problema da reacção dos professores em situações de indisciplina dos alunos. As outras duas perguntas situavam o professor na sala de aula e perguntava-se com que frequência ocorriam situações de algum modo contraditórias em termos de imposição ou de partilha de algumas decisões.

Relativamente ao tipo de reacção em situações de indisciplina admitimos as já referidas hipóteses de Lewin, Lippit e White: laissez-faire, autocrática e democrática que traduzimos por permissiva, autoritária ou responsabilizante.

Alunos e professores afirmam, em maioria, que os professores assumem uma atitude responsabilizante mas, de novo, as opiniões dos professores são muito mais fortes do que as dos alunos que admitem, muito mais do que os professores, que são utilizadas atitudes autoritárias ou mesmo permissivas.

Entre os alunos são as raparigas, os mais velhos e os mais novos e os que frequentam o 2º ciclo que mais assumem que os professores exercem uma autoridade responsabilizante.

Entre os professores apenas se regista variação com a idade crescendo a opinião sobre a actuação responsabilizante, sempre maioritária, com a idade dos respondentes. Os professores mais novos admitem, em maior percentagem relativa, a existência de atitudes autoritárias.

No que se refere à autoridade exercida na sala de aula, admitimos duas situações, de algum modo contraditórias: uma apontando para a imposição e outra para a partilha de algumas decisões. Professores e alunos admitem, em percentagens praticamente iguais e em maioria relativa, ser frequente a partilha; uns e outros consideram mais frequente do que rara a existência de alguma imposição mas, prevalece aqui a opinião de que algumas vezes / alguns professores têm atitudes de imposição.

Como era esperável, e vem na linha do que temos vindo a verificar, a opinião mais favorável pertence aos professores.

As opiniões dos alunos apresentam variações com a idade e com o ciclo idênticas às que já referimos relativamente à situação de comunicação na sala de aula, o que se nos afigura normal já que as questões suscitadas se colocam, de algum modo na mesma dimensão.

Não se regista qualquer variação significativa das respostas dos professores com qualquer das variáveis do perfil dos respondentes.

Colocadas as mesmas questões aos professores relativamente à sua própria actuação constata-se que os docentes afirmam uma clara posição de partilha sendo, de novo, muito mais positiva a opinião que têm sobre si próprios do que as imagens que assumem ter dos seus pares.

Relativamente às **relações entre professores e alunos em diferentes contextos** procuramos analisá-las na sala de aula e fora da sala de aula

Sobre as relações na sala de aula interrogamos alunos e professores sobre o modo como analisavam essas relações admitindo três hipóteses alternativas relação pessoal próxima, traduzida por “ preocupam-se em compreender os problemas dos alunos”, relação profissional, através da opção “preocupam-se com os resultados escolares dos alunos”, ou relação distante concretizada em “não se preocupam com os alunos.

Alunos e professores assumiram, maioritariamente, que a relação estabelecida é de natureza profissional ainda que, como nas situações anteriores, existam diferenças significativas uma vez que uma percentagem importante de alunos assume a existência de uma relação distante enquanto que apenas 1% dos professores assume essa hipótese.

Os rapazes assumem mais a relação distante do que as raparigas, o mesmo acontecendo com os mais velhos; quanto ao ciclo frequentado os alunos do 2º ciclo maioritariamente assumem a existência de uma relação pessoal e são os que menos admitem uma relação distante.

Entre os professores as opiniões são mais homogêneas registando-se, apenas, variação significativa de opiniões segundo o ciclo leccionado em que, embora a maioria em todos os ciclos assumam uma relação profissional, a opção pela relação pessoal é mais forte entre os professores do 2º ciclo, decrescendo à medida que aumenta o ciclo de ensino, o que pode compreender-se pela idade dos alunos, pela socialização profissional dos professores e, também, pela particular exigência dos resultados escolares que cresce, indiscutivelmente com o ciclo de estudos.

Para analisarmos as relações estabelecidas fora da sala de aula interrogamos alunos e professores sobre duas hipóteses que admitiam uma relação próxima e outras duas que iam no sentido de uma relação distante. As perguntas feitas aos professores não se referiram, aqui, ao que pensavam que ocorria com os seus pares mas sim ao seu modo de actuar.

Alunos e professores assumem existir uma relação próxima sendo sempre as opiniões dos professores mais favoráveis do que as dos alunos.

Entre os alunos as opiniões mais favoráveis pertencem às raparigas, aos mais novos e aos que frequentam o 2º ciclo.

Entre os professores, registam-se, apenas, variações significativas no que se reporta ao comportamento em passeios onde as opiniões mais favoráveis correspondem aos mais velhos e aos que leccionam o 2º ciclo.

Interrogámos os professores sobre o tipo de **cultura profissional** assumida pelos docentes no trabalho na escola e no interior dos grupos de docência, partindo de tipologias de Hargreaves e de Gather-Thurler. Em algumas questões pediam-se opiniões sobre o modo de trabalhar dos seus pares e noutras os professores eram interrogados sobre as suas próprias práticas.

Pudemos concluir que os professores, relativamente aos seus pares:

- reconhecem a existência de uma cultura individualista no que se reporta ao trabalho na escola, atribuindo responsabilidades aos horários e ao tempo necessário para preparar as aulas
- assumem, ainda, individualismo, embora de modo mais matizado, no trabalho que se realiza no grupo disciplinar;
- consideram que existe colaboração no modo como trabalham no interior do departamento curricular, dividindo tarefas, partilhando problemas e ajudando-se uns aos outros na construção de materiais;
- estão muito divididos no que se refere à existência de colegialidade artificial no trabalho que realizam na escola mas reconhecem a existência dessa colegialidade artificial relativamente ao impacto das decisões do grupo sobre as suas práticas;
- rejeitam uma cultura de balcanização, salvo no que se reporta a algumas práticas que relevam do modo como a escola está organizada;
- não é muito patente o espírito de “grande família”, proposto por Gather-Thurler.

As opiniões dos nossos respondentes são bastante homogêneas verificando-se, apenas, uma variação com o género em que os homens assumem existir menos individualismo do que as mulheres no trabalho que se realiza nos departamentos e duas variação com o ciclo de ensino, sendo os professores do 3º ciclo quem mais considera existirem práticas individualistas nas relações que se estabelecem na escola e os professores do 2º ciclo quem mais assume práticas de colaboração no funcionamento dos grupos.

Interrogados os professores sobre os seus modos de actuar em termos de cultura profissional pudemos concluir que os nossos respondentes:

- assumem uma prática individualista no que se refere às preferências no modo de planificar as aulas e na reflexão sobre as causas do insucesso escolar e
- optam mais por uma atitude de colaboração na procura de soluções para problemas disciplinares.

Registou-se, apenas, uma variação significativa de opiniões: na reflexão sobre problemas de insucesso escolar: os professores do 2º ciclo assumem mais fortemente uma prática de colaboração enquanto que os do 3º ciclo e do ensino secundário admitem, maioritariamente uma prática individualista.

Passando às imagens sobre o que é **ser um bom professor**, abordaremos as qualidades mais apreciadas nos professores de que os alunos mais gostam, as características menos apreciadas e a opinião global sobre o que é um bom professor.

Os dois primeiros aspectos sofreram um tratamento quantitativo¹⁴ pelo que os apresentaremos de modo idêntico ao utilizado até aqui; quanto ao último aspecto, de natureza

¹⁴ Como se refere no texto, as duas questões foram colocadas aos alunos em perguntas abertas que, depois de analisadas, deram lugar a categorias utilizadas nos questionários posteriores realizados junto dos docentes, o que nos permitiu um tratamento quantitativo imprescindível ao estudo das variações de opinião através de testes de estatística não paramétrica.

exclusivamente qualitativa, a apresentação e as comparações serão necessariamente de outra ordem.

As respostas obtidas, tanto no que se refere às qualidades mais apreciadas como às características menos apreciadas, foram analisadas segundo dois aspectos: relacionais pessoais e do exercício profissional.

Quanto às **qualidades mais apreciadas**, os aspectos relacionais pessoais referiam-se a ser amigo, brincalhão, compreensivo, divertido, paciente e simpático; os aspectos profissionais expressavam-se por assíduo, bom profissional, explica / ensina bem, justo, tem um bom método de ensino e vocação.

Enquanto os alunos maioritariamente assumem aspectos relacionais pessoais como as que mais apreciaram em professores de que gostam os docentes consideraram maioritariamente que os alunos apreciam mais os aspectos profissionais.

Entre os alunos regista-se, apenas, uma variação significativa: ainda que uns e outros maioritariamente apontem aspectos relacionais pessoais, os rapazes são quem, relativamente, mais aponta aspectos profissionais.

Entre os professores, ao contrário do que esperávamos, são os homens que mais assumem que os alunos apreciam os aspectos relacionais pessoais ainda que professores e professoras maioritariamente apontem no sentido dos aspectos profissionais.

São os professores do 2º ciclo os que mais apontam, ainda que de forma minoritária, os aspectos relacionais pessoais mas essa era uma variação que esperávamos e que é congruente com as variações que, ao longo do trabalho realizado, fomos encontrando.

As **características menos apreciadas**, como já referimos, foram, também agrupadas em aspectos relacionais pessoais e aspectos profissionais. Os aspectos relacionais pessoais

correspondiam a antipático, arrogante, aborrecido, tratamento desigual dos alunos, hostil e relação distante; os aspectos profissionais traduziam-se em atrasado, exigente, faltoso, injusto, não explicar as matérias correctamente e pouco rigoroso na apresentação das matérias.

Os alunos assumem, agora, maioritariamente os aspectos profissionais como os mais evidentes nos professores de que não gostam enquanto que os professores se dividem ao meio (50%-50%) entre os aspectos relacionais pessoais e os aspectos profissionais.

Entre os alunos os aspectos do exercício profissional, sempre maioritários, decrescem à medida que a idade aumenta cedendo, obviamente, lugar aos aspectos da relação pessoal; a mesma tendência se regista com o ciclo de ensino frequentado.

Entre os professores, apenas, se registam variações com o género: enquanto a maioria dos homens considera que são as características relacionais as mais evidentes na apreciação negativa feita pelos alunos, a maioria das mulheres assume, maioritariamente, aspectos do exercício profissional. Note-se que esta variação vai no mesmo sentido da que se reporta às qualidades mais apreciadas.

No que respeita à **opinião global sobre a imagem do Bom professor** referimos no início da apresentação dos resultados e da análise da pergunta sobre o que é ser bom professor que, para a construção das categorias de análise, nos tínhamos socorrido das categorias utilizadas por Abraham (1982) no seu estudo, embora tivéssemos feito algumas adaptações no que respeita às categorias e dimensões que utilizámos para fazer a nossa análise. Assim construímos três grandes categorias: aspectos afectivos, aspectos profissionais e aspectos comportamentais do exercício da profissão, subdividindo-as em várias subcategorias que se aproximam das utilizadas por Witty em 1946. As subcategorias que utilizámos foram as seguintes: nos **aspectos afectivos**: Professor – amigo/relação próxima; Professor – encorajador; Professor – ajuda pessoal /compreensão; Professor – respeitador. Nos **aspectos**

profissionais: Professor – ajuda escolar; Professor – conhecedor /detentor do saber; Professor – gosto de ensinar; Professor – estimula / cativa; Professor - que equilibra interesse e prazer. Nos **aspectos comportamentais profissionais:** Professor – justo; Professor – equitativo; Professor – exercício de autoridade.

Entendemos ser, ainda, importante referir que o estudo realizado por Abraham junto dos alunos, embora não tendo os mesmos objectivos da presente investigação, se baseou em pressupostos retirados dos estudos efectuados por Witty em 1946 e Veldman e Peck em 1963¹⁵. Estudos que nos preocupamos em encontrar posteriormente à construção dos inquéritos que realizamos pois nos interessava tentar perceber se havia uma linha de continuidade nas respostas¹⁶ ou se pelo contrário os alunos e os professores que inquiridos se distanciavam das opiniões dos inquiridos pelos autores referidos. Interessava-nos tentar perceber se, tal como afirma Moliner (2001:33), as representações podem ser concebidas como “uma estrutura composta por opiniões, crenças, informações, breves cognições interligadas e dependentes de um núcleo” pelo que os elementos que constituem a representação “não existem isoladamente” e cada vez que acontece uma alteração, uma mudança em qualquer um deles há toda uma necessidade de se fazerem reajustamentos na representação, ou seja na “estrutura global”.

Para além destes três estudos realizados em Israel (1) e nos Estados Unidos (2) de que nos vamos servir para contrastar os nossos resultados, servir-nos-emos, ainda, no que respeita à opinião dos alunos dos estudos realizados em França (por Felouzis) e o realizado no Reino Unido (por MacBeath). No que respeita aos professores, para além do estudo de Abraham, servir-nos-emos do estudo realizado por Torres numa escola secundária da Norte do País.

¹⁵ Apresentamos os resultados destes estudos internacionais assim como de outros investigadores no Capítulo anterior.

¹⁶ Estamos conscientes de que a diferença temporal e a diferença espacial podem significar uma alteração de significado da terminologia utilizada pelos inquiridos, mas tal como afirma Moliner (2001), cada entrevista, cada resposta que se recolhe se aproxima e se distingue das outras, no fundo o que resta é que por diferentes vias ou maneiras muitos dizem-nos a mesma coisa

As respostas dos alunos

Os alunos que inquirimos tendo como já referimos dado uma maior importância aos aspectos profissionais, distinguem-se dos alunos inquiridos por Witty¹⁷ e Veldman e Peck¹⁸, dos alunos de cursos tecnológicos e dos que tinham resultados menos favoráveis inquiridos por Felouzis e pelos inquiridos por MacBeath que apontam como mais significativos os aspectos afectivos/relacionais. Aproximam-se, no entanto, dos alunos inquiridos por Abraham e dos alunos dos cursos gerais, das escolas profissionais (LEP) e dos que têm melhores resultados inquiridos por Felouzis que apontam os aspectos profissionais como os mais importantes.

Os alunos portugueses relevam na imagem do Bom professor o conjunto de capacidades que permite ao professor encorajar os seus alunos a aprender, a descobrir em conjunto consigo ou sozinho novos caminhos de aprendizagem – escolar ou pessoal -, de ajudar, compreender, respeitar. O Bom professor tem um conjunto considerável de saberes, sabe ser e sabe estar, é um facilitador de aprendizagens, tem gosto pelo que faz, é capaz de despertar gosto por aprender, estimular e cativar os alunos para as disciplinas ou matérias que lecciona porque equilibra interesses e prazeres. Estas capacidades são partilhadas pelos alunos inquiridos por Abraham que apontam a preocupação com a compreensão da matéria, com o esclarecimento de dúvidas, com a disciplina, o respeito e o procurar resolver os problemas escolares dos alunos como os aspectos mais relevantes da imagem do professor.

¹⁷ Os alunos inquiridos por Witty, tal como dissemos no capítulo anterior, apontam em 1º, 2º e 3º lugar características afectivas e pessoais, deixando para 4º, 10º e 12º lugares as características profissionais na construção da imagem do Bom professor. Apontaram como características do Bom as que indicam que eles são pacientes, imparciais, flexíveis, têm atitudes democráticas, encorajam, têm sentido de humor, boa disposição, têm largos campos de interesse, dominam as matérias que ensinam.

¹⁸ Recordamos que para os alunos inquiridos por Veldman e Peck a imagem do bom professor passa pela capacidade de serem amigos, encorajadores, conhecerem bem a matéria, equilibrarem prazer com interesse, manterem a disciplina e a autoridade e terem uma abordagem democrática

Os alunos que Felouzis inquiriu e que realçaram os aspectos profissionais apontaram a capacidade de fazer trabalhar, o interesse pelo curso/matéria e a preocupação com a ajuda a dar aos alunos que têm problemas escolares . Estas opiniões de alunos dos anos 70 e dos anos 90 em Israel, em França e no início do século XXI em Portugal assemelham-se bastante o que nos poderia levar a dizer que a partilha de opiniões é também um indício de partilha de representações sociais sobre o profissional professor

Mas os alunos que inquirimos partilham com os alunos inquiridos por Witty, Veldman e Peck , Felouzis e MacBeath a visão de que o Bom professor tem também características de relação que lhe permitem cultivar, desenvolver relações de amizade ser amigo, compreensivo ser capaz de ouvir, ajudar os alunos a resolverem problemas do foro pessoal, embora estas características não sejam em nosso entender e de acordo com os resultados obtidos as que apresentam como as mais importantes para a construção dessa imagem.

As respostas dos professores

Ao contrário dos alunos, os professores que inquirimos apontaram como características que os alunos mais apreciariam no Bom professor os aspectos profissionais. Esta visão está próxima dos resultados de Abraham. Também os professores inquiridos pela investigadora apontaram o estímulo dos alunos para a reflexão e para a compreensão, o suscitar a capacidade de aprender, o desenvolvimento da confiança em si próprios ao nível escolar, a capacidade pedagógica, a capacidade de aceitar os outros, de exercer a autoridade sem temer os alunos como alguns dos aspectos importantes para a construção da imagem Bom professor.

Os nossos inquiridos apontaram o facto de o bom professor ser profissional preocupado com o sucesso escolar e educativo dos seus alunos, detentor do saber,

conhecedor, capaz de estimular, de cativar, de ter em conta os interesses dos alunos por forma a equilibrar interesse com prazer, é alguém que é justo, exigente, que não discrimina os seus alunos e que exerce a sua autoridade de forma equilibrada mas segura, o que nos parece ser muito similar ao que os professores de Israel responderam. Se tivermos em conta as conclusões a que Torres chegou depois de ter, no ano de 1993/1994, inquirido professores de uma escola secundária poderemos afirmar que existe uma discrepância entre os seus resultados e os nossos. Recordemos que segundo a autora os professores apontam como primeira qualidade – 58,1% - as qualidades humanas e pessoais o que significa que as outras três qualidades apontadas, mesmo que correspondendo apenas a características profissionais não são entendidas como as mais relevantes para a construção da imagem do professor ideal.

Esta discrepância nos resultados obtidos poderá ter a ver com o facto de em 1993/1994 o regime de avaliação dos alunos do ensino secundário não ter ainda instituído nem a realização de provas globais, o que só veio a acontecer com o Despacho nº60/SEED/94 de 7 de Setembro, nem de exames nacionais. Até esse momento os professores não tinham sentido qualquer pressão de provas de avaliação que não fossem da sua responsabilidade individual¹⁹, qualquer conflito individual relacionado com a definição do futuro académico dos seus alunos. A partir do ano de 1994/1995 – ano em que pela primeira vez se realizaram as provas globais que foram posteriormente substituídas pelas provas de aferição e depois pelos exames nacionais,. - os professores desenvolveram uma preocupação acrescida com os aspectos profissionais. Talvez que os resultados obtidos por Torres e que revelam uma discrepância com os nossos reflectam o entendimento daquele conjunto de professores que não tinha ainda vivido a experiência do novo regime de avaliação previsto na Lei de Bases de 86, no Decreto-Lei nº 296/89 e só concretizado pelo Despacho de Setembro de 1994. Uma outra hipótese se nos levanta que pode explicar estes resultados, o facto de este ser um estudo de caso e as

¹⁹ Mesmo as provas de acesso ao ensino superior eram exteriores à escola

opiniões recolhidas corresponderem apenas aos professores da escola onde se processou a investigação. De qualquer forma e apesar desta discrepância no apontar dos factores que mais contribuem para a construção da imagem Bom professor existe uma concordância relativa aos aspectos apontados como aqueles que constituem os aspectos afectivos ou de relação. Assim os respondentes de Torres apontaram como factores relevantes: qualidades como: sociável, acessível, disponível, aberto, comunicativo, dialogante, calmo, paciente, compreensivo, tolerante, companheiro, amigo, sincero, empático e os nossos respondentes entendem que a imagem do Bom professor se complementa através de um conjunto de qualidades que o definem como uma pessoa atenta, amiga, empática.

O contraste entre as opiniões de alunos e professores

Professores e alunos têm opiniões diversas sobre as características que relevam para a construção da imagem Bom professor. Enquanto que para os professores relevam mais os aspectos profissionais os alunos relevam mais os afectivos.

Tal como já afirmamos os professores parecem ter uma imagem mais idealizada²⁰, mais estereotipada até da imagem do professor – esta opinião que observámos está em oposição à veiculada por Correia e Matos (2001: 97) mas é consonante com os resultados obtidos por Abraham. Também a autora inquiriu alunos e professores sobre a imagem que ambos detinham do profissional e embora o seu objectivo não fosse coincidente com o nosso – a autora pretendia ver até que ponto a imagem do profissional professor correspondia à imagem da pessoa – os resultados obtidos são semelhantes.

A opinião de alunos e professores apresenta diferenças tendo os alunos uma imagem menos favorável do profissional professor do que os professores. Os resultados apontam para

²⁰ Note-se que . ao interrogar os professores sobre o que consideram ser um bom professor, estamos, de algum modo, a induzir uma imagem idealizada

a opinião de que os docentes, embora estimulem os alunos, sejam pacientes, abertos e disponíveis para a relação não o são tanto quanto os professores o afirmam.

Há no entanto o entendimento que existe um conjunto de traços de comportamento e de relação que contribuem para a construção da imagem do professor. Conjunto este que se assemelha ao conjunto de comportamentos e traços que os nossos respondentes alunos e professores apontaram. Também Abraham concluiu que os professores têm de si, enquanto profissionais, uma imagem mais idealizada do que os alunos e que as repostas obtidas por parte dos professores são menos susceptíveis de apresentar diferenças e portanto são mais homogêneas do que os dos alunos. Enfim embora havendo diferenças de opinião entre professores e alunos a imagem que nos dão, sejam eles israelitas ou portugueses, do bom professor é uma imagem positiva de alguém completo porque tem qualidades e características que o definem positivamente enquanto pessoa e enquanto profissional